

# Senado debaterá dívida externa com candidatos à presidência

GLOBO

20 MAR 1989

Foto de Gilberto Alves

BRASÍLIA — A Comissão da Dívida Externa do Senado inicia nesta terça-feira o chamado “ciclo dos presidenciais”, que tem por objetivo avaliar os conhecimentos dos candidatos à sucessão presidencial sobre a dívida externa de US\$ 115 bilhões e a proposta de cada um para a solução do problema. O primeiro a ser inquirido pelos nove membros da Comissão será o candidato do PDS, Senador Jarbas Passarinho, terça-feira, a partir das 9h.

O segundo convidado, como informou ontem o Presidente da Comissão, Senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), é o candidato do PCB, Roberto Freire, no dia 27, às 16h. No dia cinco de abril será a vez do candidato do PSDB, Senador Mário Covas, seguido pelo candidato do PRN, Fernando Collor, no dia 11. No dia 18 de abril será sabatinado o candidato do PDT, Leonel Brizola e no dia 25 o Deputado Afif Domingos, candidato pelo PL. Os debates serão retomados na primeira quinzena de maio com o



Chiarelli, Presidente da Comissão

candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, vindo em seguida Afonso Camargo, do PTB. Na segunda quinzena, serão os candidatos do PMDB, do PFL e “quem mais vier”, segundo afirmou o Senador Chiarelli.

Os membros da comissão, integrada por seis partidos (PMDB, PFL,

PDS, PDT, PSDB e PSD), querem convidar também o Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, depois de encerrado o “ciclo dos presidenciais”, para prestar informações mais atualizadas sobre a dívida. Em seguida, o relator da comissão, Senador Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP), fará parecer sobre os choques e conflitos resultantes dos debates para subsidiar o sucessor do Presidente Sarney.

O Senador Chiarelli observou que o serviço da dívida representou, em 1988, US\$ 19 bilhões, quantia equivalente a 4,5% do Produto Interno Bruto (PIB) e este ano o capital a ser exportado só com o pagamento dos encargos da dívida deverá ser da ordem de US\$ 17 bilhões. Chiarelli afirmou que a preocupação dos integrantes da Comissão é permitir que o eleitorado conheça a posição dos presidenciais em relação à dívida, que será um dos problemas mais sérios que o futuro presidente da República terá que enfrentar.

## Bresser acha acordo difícil

SÃO PAULO — O ex-Ministro da Fazenda Luiz Carlos Bresser Pereira considera difícil uma negociação conjunta da dívida externa da América Latina e acredita que, no máximo, poderão negociar juntos Brasil e Argentina. Segundo o ex-Ministro, o Plano Brady é tímido, cabendo ao Brasil a iniciativa de garantir mecanismos eficazes para a redução da dívida até para deixar claro que pode tomar medidas unilaterais para isso como a suspensão do pagamento da dívida.

O grande mérito do Plano Brady, na sua opinião, é reconhecer que a solução do problema da dívida externa envolve a sua redu-

ção. Mas é insuficiente pois não contempla a criação de uma agência para administrar a compra da dívida com títulos do Banco Mundial (Bird) e FMI que, por sua vez, trocariam esses títulos com os bancos credores. Além de não prever recursos para esse sistema de securitização da dívida, o Plano também coloca como opcional a participação dos bancos.

Na avaliação de Bresser, essa participação deveria ser obrigatória, pois corre-se o risco dos grandes bancos não entrarem esperando as negociações dos de pequeno e médio porte para depois cobrarem integralmente sua parte.